

# ANTÓNIO CARLOS CORTEZ Um romance em várias dimensões

A estreia, na ficção, do poeta e ensaísta. A entrevista e a crítica de Miguel Real PÁGINAS 12 A 14



JORNAL  
DE LETRAS,  
ARTES E  
IDEIAS

# JL

## UCRÂNIA: PATRIMÓNIO DA HUMANIDADE E GUERRA

Textos de G. d'Oliveira Martins, M. Pedroso  
Marques e V. Soromenho-Marques

PÁGINAS 27 E 28

## O TRANSIBERISMO DE JOSÉ SARAMAGO

Encarte do Instituto Camões

PÁGINA 32 E 33



# ANTÓNIO NÓVOA

## A Educação,

# Mário Cesariny

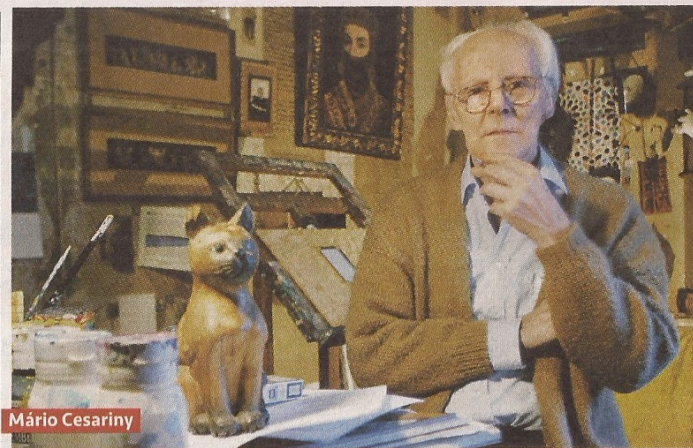
## O surrealismo em Portugal depois da Revolução de Abril

A. CÂNDIDO FRANCO

■ Mário Cesariny (MC) queixou-se no fim da vida de que a situação política portuguesa, com uma ditadura de partido único, uma polícia política feroz e uma censura oficial, havia mutilado a vitalidade do surrealismo em Portugal, impedindo-o de ter uma ação organizada e coletiva. Na verdade, quando observamos o itinerário deste movimento em Portugal entre 1947, momento em que Cesariny e O'Neill decidem criar o Grupo Surrealista de Lisboa, e 1974, ano da queda do fascismo português, a impressão que fica é que não existe uma ação pública de grupo, coesa e unida, mas antes um conjunto de franco-atiradores dispersos, que vivem nas margens numa semiclandestinidade ruidosa. Publicaram livros, fizeram exposições, encontraram-se nos cafés, fizeram algumas declarações escritas, falaram muito contra o regime e a oposição, gozaram com figuras de ambos os lados, mas ficaram muito longe da intervenção que desejavam. Sabiam de antemão que pagavam um elevado preço por qualquer passo mais ousado. Foi isso que aconte-

ceu no final da década de 40 com a prisão de MC e em 1952 com a de Mário-Henrique Leiria, levando ambos a sair de Portugal – o primeiro para o Brasil e o segundo para Paris e Londres.

Com o fim da censura de Estado, o desaparecimento da polícia política e a liberdade de expressão, a revolução do 25 de Abril trouxe uma nova realidade, que permitiu a MC encarar possibilidades distintas para a intervenção surrealista em Portugal. Entre os vários projetos que concebeu logo no período inicial da revolução, alguns deles curiosíssimos, como a exposição livre que organizou na Galeria São Mamede em Junho de 1974, conta-se a organização de uma antologia de textos que desse conta da virulência verbal e imagética com que o movimento criado por André Breton se opusera desde o início à ordem social burguesa. Um livro com tais características nunca a censura oficial dos coronéis deixaria passar. Por isso as antologias que MC organizou antes da revolução, e algumas foram, parecem sempre vigiadas, apresentando



Mário Cesariny

CONCALO ROSA DA SILVA

mesmo um propósito historiográfico que as faz passar na aparência por inofensivas.

Há notícia desse novo trabalho numa carta, datada de 8-5-1975, para o poeta holandês Laurens Vancrevel, então um dos diálogos internacionais dos surrealistas portugueses. É talvez a primeira

referência conhecida a essa antologia publicada depois em novembro de 1977. Nessa carta – hoje já publicada (*Cartas para Frida e Laurens Vancrevel*, 2017: 148-9) – o livro não tem o título que depois veio a ter, *Textos de Afirmação e de Combate do Movimento Internacional Surrealista Mundial*, mas um mais comprido e

sonoro: *Textos de Afirmação e de luta do Movimento Surrealista Mundial para Exercício e Serviço da Revolução Portuguesa*. Tudo aponta para que já nessa época o livro se organizasse em pastas dedicadas aos vários países e momentos em que o surrealismo teve expressão e que foi depois o modo de construção que vingou na versão final, que ficou pronta para impressão já no verão de 1977.

Como quer que seja, só a ida a Chicago, em maio de 1976, para a abertura da Exposição Surrealista Mundial de Chicago, promovida pelo Grupo Surrealista local, permitiu a Cesariny ter uma ideia clara da progressão e do fecho da antologia. Iniciando-se com uma pasta dedicada ao movimento Dadá, logo seguida pela aglomeração dos principais materiais produzidos em Paris, a compilação fecha com a exposição de Chicago e a apresentação do trabalho dos membros do grupo promotor, todos inseridos na contracultura dos anos 60 e quase todos nascidos já depois do início da II Guerra Mundial.

Traduzindo pela primeira vez para português uma vastíssima documentação, apresentando um expressivo conjunto de imagens desconhecidas entre nós, cobrindo uma larga área geográfica (Europa, Américas e Mundo Árabe), a publicação deste trabalho no final de 1977 (ed. Perspetivas & Realidades) deu a ver que o surrealismo estava então muito ativo e mantinha uma radicalidade de intervenção insuspeitada. O compilador conseguiu, através de um teimoso e inteligente trabalho de recolha e ligação, fazer um livro de dimensão internacional, que, pelos laços que tecia e pela visão que apresentava, abria novas perspetivas

de futuro a um movimento que tinha já passado o meio século de vida.

Quando mais tarde se fez o primeiro grande dicionário internacional sobre o surrealismo, *Dictionnaire Général du Surréalisme et de ses Environs* (1982), organizado por dois historiadores de arte e colaborado por dezenas de investigadores, a compilação de MC foi considerada por Édouard Jaguer, um dos fundadores do movimento COBRA, uma obra única, sem par em todo o mundo. Trata-se da antologia mais subversiva que o autor de *Pena Capital* realizou, aquela que foi feita sem qualquer receio de censura e a única em que ele não precisou de se escudar em qualquer suposto historiográfico. Daí o efeito impressionante, a aura luminosa e solar, o ardor juvenil que dela emana, como se o surrealismo em 1977 fosse um movimento acabado de nascer e prometido a uma longa e criadora vida.

Esta obra, de que se chegou a prever a publicação de um 2º volume, consagrado ao surrealismo português e ibérico, que nunca chegou a ver a luz, acabou agora de ser reeditada, com um preâmbulo de Laurens Vancrevel e um posfácio de Perfecto E. Cuadrado, que são a sua principal novidade. Vancrevel foi no final da década de 60, com o paulistano Sérgio Lima, o principal responsável pelos contactos internacionais que MC desenvolveu e que estiveram na base do livro de 1977. Esses contactos foram os primeiros que os surrealistas em Portugal estabeleceram – isto se deixarmos de lado os rápidos encontros sem consequências que Cândido Costa Pinto, Dacosta e António Pedro tiveram no final dos anos 40 em Paris com André Breton,

e os que António Maria Lisboa teve pouco depois, no mesmo lugar, com Benjamin Péret.

Não se pense que este livro pertence ao passado e é hoje uma relíquia que esta reedição musealiza. O surrealismo foi um dos raros movimentos do passado que transitou para o presente século e, embora tenha barbas brancas e esteja já a festejar o centenário, apresenta uma vitalidade invejável. Com os grupos surrealistas hoje dispersos e ativos no mundo seria possível fazer uma recolha não inferior àquela que o antólogo fez em 1977. No seio de uma arte contemporânea que parece apenas viver do seu valor financeiro, prestando-se a um ‘inestimável’ papel de mercado, no seio de uma literatura que perdeu quase toda a sua capacidade de intervenção sobre o real, a subversão e a individualidade da proposta surrealista tem hoje porventura uma urgência ainda maior do que no momento em que Mário Cesariny compilou os seus materiais. **JL**



► **Mário Cesariny**  
**TEXTOS DE AFIRMAÇÃO  
E DE COMBATE  
DO MOVIMENTO  
SURREALISTA MUNDIAL**

Documenta/Fundação

# Álvaro Laborinho Lúcio

## Um sismógrafo entre os mortos

CLÁUDIA LUCAS CHÉU

Álvaro Laborinho Lúcio mostra-nos no seu mais recente romance *As Sombras de Uma Azinheira*, através de duas personagens centrais, as mudanças profundas que Portugal viveu com o 25 de Abril de 1974. Escrito durante o confinamento imposto pela pandemia, o autor encontrou na clausura o momento para escrever sobre a liberdade. E o aproximar dos 50 anos do 25 de Abril deu-lhe motivação para escrever um romance com duas personagens dignas da data.

O romance começa na madrugada de 25 de Abril de 1974 mas não é uma narrativa histórica nem política, embora também seja claro que não se trata de um texto ideologicamente neutro – não é um romance neutro em termos políticos e ideológicos porque é uma aposta naquilo que verdadeiramente deverá conduzir ao êxito das ideias de Abril. Talvez este êxito dependa de duas questões que o romance nos coloca: o que é que ainda está por fazer e/ou o que é que correu mal? *As Sombras de Uma Azinheira* parece indicar-nos que há um caminho a seguir, dificuldades a ultrapassar, dúvidas que surgem a partir daquela data de Abril de 1974, e significa também a possibilidade



Álvaro Laborinho Lúcio

LUÍS BARRA

da irredutível firmeza da filha impondo, contra a dela, a sua vontade, lhe grita ameaçadoramente, repondo o seu poder: ‘Não te esqueças, fui eu que te pari!’. É verdade, isso. É verdade, e essa será sempre a minha mais profunda amargura. Ter nascido sem mãe, parida por uma revolução.”

Há uma simbologia evidente na relação entre as duas personagens

que estamos a tratar claramente de ficção e não de um romance ensaístico. Nesse encontro que faz com as suas personagens, convidando-as para um almoço entre a primeira e a segunda parte do romance, o autor acaba por revelar a própria consistência das personagens: o romance é contado alternadamente pelo pai e pela filha; assim o pai é uma perso-

## riedade tência

de Almeida

da manhã, visitou-me  
essa um velho amigo, o  
F. Fomos colegas de liceu,  
mas muito raramente e  
estávamos aqui na Graça,  
com uma máscara e eu  
comecei a falar, "já levaste  
a máscara?", enquanto nos  
mentávamos. Ele sai  
devido a um acidente que  
ante a guerra colonial.  
base meio século, o  
se tivesse acontecido  
nos dois anos que passou  
contando da sua vida. (Em  
grupos as experiências  
passada). Pouco depois  
em um restaurante da

"Não, não precisas dizer o nome."  
"Havia um cabaret finório com um grupo de bailarinas im-  
portadas do Parque Mayer. Era numa rua paralela à Rosa Araújo,  
a rua da putaria, dos esquentamentos, o cabaret ficava no topo  
da Praça Mahon. Com a sala cheia, com as mesas da frente que  
rodeavam a pista de dança completamente ocupadas fomos  
mandados para uma mesa da última fila. O capelão disse que  
não sabia dançar, 'só quero ver', disse ele deslumbrado com  
a música e a vibração do ambiente. Às tantas foi anunciado um  
strip-tease, uma mulata escultural a rebolar-se, a despir-se com  
sensualidade. Pusemo-nos de pé e eu de altura mediana conse-  
guei ver. O padre era mais baixo, não consigo ver nada, lasti-  
mou-se. Trepe, trepe para cima da mesa, não perca o melhor da  
festa, segredei-lhe. O padre fez um longo sorriso. E ele que tanto  
confessara os homens da Companhia e deu lições de religião e  
moral, em cima da mesa do cabaret aplaudia a mulata a despir-se  
enquanto olhava à volta para ocultar-se de algum conhecido."

O senhor F. fez uma pausa e acrescentou: "Tenho sonhado  
com isto nos últimos  
dias. O que é que achas  
desta história? Não é  
bestial?" - perguntou-  
me enquanto esperava-  
mos o café.

"É uma história terna,  
cheia de humanidade.  
Gostei muito." (Pausa)  
Tu sempre foste bom  
homem, generoso. E é  
bom ser-se bom, embora  
os homens morais, não é  
o teu caso, sejam quase  
sempre enfadonhos. Essa  
tua história tem muita  
vida."

Ele sorriu satisfeito e  
eu acrescentei:  
"E vocês, depois de  
saírem do cabaret, foram  
prolongar a noite na  
intimidade... ? diz-me a

verdade" - e sorri.

"Não, voltámos para a pensão. (Pausa) Este pudim de pão  
estava muito bom, não achas?"

"Ótimo."

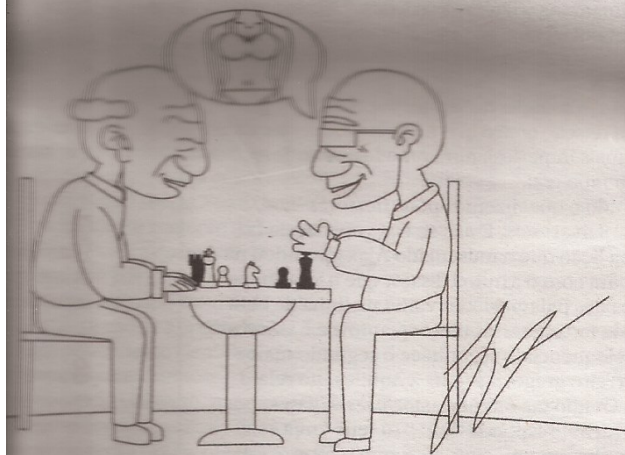
Ele ficou subitamente calado, parecia custar a respirar.

Eu continuei:

"Queres um copo de água?" - ele fez sinal de que não precisa-  
va e foi à casa de banho.

"Obrigado pelo almoço" - e com as máscaras repostas des-  
pedimo-nos com um abraço à porta do restaurante. Olhei-o de  
costas no passeio a caminho de casa, a coxear ligeiramente do  
acidente em Moçambique. "Toda a nossa geração em Portugal é  
filha da guerra colonial" - sussurrei.

Enquanto passeava pelo jardim, ocorreu-me uma citação de  
Ortega y Gasset de que o sr. F. - que certamente já chegara a casa  
- era um exemplo vivo da precariedade da existência, postulada



de João Almeida

mente de uma família po-  
lítica de guerra, arranjadas  
no de Coimbra... mas depois de  
Milboné, Macalage, Namiaco,  
a Tanczina, Metangula  
com quinze mortes na  
aves acidentes..."

uma pena?"  
assante... agora preciso  
se os quinhentos anos  
te com o poema nacional,  
ção da língua portuguesa e

uma vida depois da morte? O



PROPRIETÁRIA/EDITORIA: TRUST IN NEWS, UNIPessoal LDA.

SEDE: Rua da Fonte da Caspolima - Quinta da Fonte,  
Edifício Fernão de Magalhães, nº8, 2770-190 Paço de Arcos  
NIPC: 514674520

GERÊNCIA DA TRUST IN NEWS: Luís Delgado,  
Filipe Passadouro e Cláudia Serra Campos.

COMPOSIÇÃO DO CAPITAL DA ENTIDADE

PROPRIETÁRIA: 10.000,00 euros

PRINCIPAL AÇIONISTA: Luís Delgado (100%)

PUBLISHER: Mafalda Anjos

# JL

JORNAL  
DE LETRAS,  
ARTES E  
IDEIAS

DIRETOR: José Carlos de Vasconcelos



REDATORES: Maria Leonor Nunes, Manuel Halpern, Luís Ricardo Duarte.  
COLABORADORES PERMANENTES: Afonso Cruz, Agripina C. Vieira, A. C. Cortez,  
A. Mega Ferreira, Boaventura de Sousa Santos, Carlos Fiolhais, Carlos  
Reis, Daniel Tércio, Fernando Guimarães, Guilherme d'Oliveira Martins,  
Gonçalo M. Tavares, Helder Macedo, Helena Simões, J. Rego de Almeida,  
João Góberm, João Ramalho Santos, Lídia Jorge, M<sup>ª</sup> Emília Brederode Santos,  
M<sup>ª</sup> José Rau, M<sup>ª</sup> Augusta Gonçalves, Miguel Real, Nuno Júdice, Onésimo  
Teotónio Almeida, Paulo Guinote, Patrícia Portela, Sofia Soromenho, Tiago  
Patrício, Válder Hugo Mãe e Viriato Soromenho-Marques

OUTROS COLABORADORES: A. Laborinho Lúcio, A. Cândido Franco, A. Pedro  
Pita, A. Sampaio da Nóvoa, Ana Maria Bettencourt, Arnaldo Saralva, B.  
Bénard-Guedes, C. Mendes de Sousa, Fernando J. B. Martinho, F. Pinto  
do Amaral, Gastão Cruz, Filinto Lima, E. Marçal Grito, Graça Moraes,  
Hélia Correia, I. de Loyola Brandão, Inês Pedrosa, João Abel Manta, João  
Barrento, João Costa, J. A. Cardoso Bernardes, Jorge Fazenda Lourenço,  
Jorge Vaz de Carvalho, José Luís Peixoto, José Manuel Castanheira, José  
Manuel Mendes, José Reis, J. Gomes André, Leonor Xavier, Manuel Alegre,  
M. Frias Martins, Marcello Duarte Mathias, Manuela Paraíso, M<sup>ª</sup> Alzira  
Seixo, M<sup>ª</sup> Fernanda Abreu, M<sup>ª</sup> Graciete Besse, M<sup>ª</sup> João Fernandes, M<sup>ª</sup>  
Helena Seródio, M<sup>ª</sup> Irene Ramalho, M<sup>ª</sup> Luísa R. Ferreira, Mário Avelar,  
Mário Cláudio, Mário de Carvalho, M. Vieira de Carvalho, M. Sanches Neto,  
Miguel Carvalho, Néldia Piñon, Norberto V. Cardoso, Ondjaki, Pilar del Rio,  
Ramón Villares, Ricardo Araújo Pereira, Rita Marmoto, R. Miguel Puga, Rui  
Vieira Nery, Salvato Teles de Menezes, Sérgio C. Sousa, Sérgio Rodrigues,  
Sofia Soromenho, Teolinda Gersão, Teresa Toldy e Tiago Rodrigues

REDAÇÃO: Patrícia Pereira e Raquel Leal

SECRETARIA: Teresa Rodrigues

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO: Cesco

REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E SERVIÇOS COMERCIAIS: Rua da Fonte da  
Caspolima - Quinta da Fonte, Edifício Fernão de Magalhães, 8  
2770-190 Paço de Arcos - Tel.: 218 705 000 Fax: 218 705 001  
email: jl@jornaldeletras.pt

Delegação Norte: CEP - Escritórios, Rua Santos Pousada  
441-sala 206/208, 4000-486 Porto - Telefone: 220 990 052

MARKETING: Marta Silva Carvalho (diretora) - mscarvalho@trustinnews.  
pt e Marta Pessanha (Gestora de Marca) - mpessanha@trustinnews.pt

PUBLICIDADE: Vânia Delgado (Diretora Comercial) - vdelgado@trustinnews.  
pt; Maria João Costa (Diretora Coordenadora de Publicidade) - mjcosta@  
trustinnews.pt; Mariana Jesus (Gestora de Marca) - mjesus@trustinnews.  
pt; Mónica Ferreira (Gestora de Marcas) - mferreira@trustinnews.pt; Rita  
Roselero (Gestora de Marca) - rroselero@trustinnews.pt; Elisabete Anacleto  
(Assistente Comercial) - eanacleto@visao.pt; Florbela Figueiras (Assistente  
Comercial) - ffigueiras@visao.pt; DELEGAÇÃO PORTO: Margarida Vasconcelos  
(Gestora de Marca) - mvasconcelos@trustinnews.pt;

BRANDED CONTENT: Rita Ibérico Nogueira (Diretora)  
rnogueira@trustinnews.pt

TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO: João Mendes (Diretor)

Telf Lisboa - 21 870 5000

Telf. Porto - 22 099 0052

PRODUÇÃO E CIRCULAÇÃO: Vasco Fernandez (Diretor); Pedro  
Guilhermino (Coordenador de Produção); Nuno Carvalho,  
Nuno Gonçalves e Paulo Duarte (Produtores); Isabel Anton  
(Coordenadora de Circulação)

ASSINATURAS: Helena Matoso (Coordenadora de Assinaturas)

SERVÍCIO DE APOIO AO ASSINANTE: Tel.: 21 870 50 50  
(Dias úteis das 9h às 19h); apoiocliente@trustinnews.pt

IMPRESSÃO: Litográfica - Estrada de São Marcos Nº 27 - S. Marcos -  
2735-521 Cacém. Distribuição: VASP MLP, Media Logistics Park, Quinta  
do Grajal, Venda Seca, 2739-511 Agualva-Cacém Tel.: 214 337 000.  
Pontos de Venda: contactcenter@vasp.pt - Tel.: 808 206 545,  
Fax: 808 206 133

TIRAGEM MÉDIA: 7 100 exemplares

Registo na ERC com o nº 107 766  
Depósito Legal nº 127961/98 - ISSN nº 0872-3540

Estatuto editorial disponível em [www.visao.sapo.pt/informacaoopermanente](http://www.visao.sapo.pt/informacaoopermanente)

A Trust in News não é responsável pelo conteúdo dos anúncios  
nem pela exatidão das características e propriedade dos produtos  
e/ou bens anunciados. A respetiva veracidade e conformidade  
com a realidade, são da integral e exclusiva responsabilidade dos  
anunciantes e agências ou empresas publicitárias. Interditada a  
reprodução, mesmo parcial de textos, fotografias ou ilustrações sob  
qualquer meios, e para quaisquer fins, inclusive comerciais.

